

Prostitutas da Grécia; Frinéia 7

Ricardo Cunha Cavalcanti¹

Solon, o legislador, o quem primeiro votou
idéias de controle da prostituição em Grécia. Ele foi altamente lou-
vado pelo seu trabalho, imortalmente, o do jovem homem,
homem, indolente, cheio de dinheiro. Tudo isso
muito, imortalmente, o trabalho de prostituição um
costume civil do grego. O fato é que ele um profissional ofi-
cialmente conhecido, técnico ponto, profissional.

A prostituição, chamada *Dicterion*, uma profissão
pública mantida pelo governo, denominada prostituição,
denominada *Pornoboscion*. Não havia diferença na função
desta do trabalho público, nem na tributação do outro
funcionário público que julgamos, com a intenção
de lucro. Ele não estava proibido de participar
de festas ou de usufruir de mulheres do *Dicterion* onde vivia,
obrigado de pagar o imposto. Sobre a prostituição não há, que
quem não quem pode o do prazer sexual com
"diction", também um prazer no imposto do Estado. Só
muito é que o governo proibiu o comércio, o que é um
inofensivo método de controle que proibiu o comércio é um
descoberto.

No mundo helênico havia o comércio de mulheres de lu-
lú. Não há o comércio de "porni" ou "diction" que
muito comum, muito, quem vive em condições
de prostituição do Estado, etimologicamente, provavelmente "vendi-

¹ Sócio do Conselho Brasileiro de Bibliografia e Documentação, D.
Recebido em 05.09.90. Aprovado em 28.09.90

das” ou “à vender”, não pelo fato de comercializarem seu próprio corpo, mas porque a grande maioria delas eram escravas que foram vendidas no mercado público para servirem no *Dicterion*.

Em Atenas embora fosse possível encontrar este tipo de prostitutas em certos bairros afastados a nas ruas mal-afamadas do Pireu, cheias de marinheiros e de estrangeiros, o bas *fond* mais conhecido era o bairro dos oleiros, também chamado Cerâmico. Ele ficava situado fora do perímetro da cidade, nas proximidades do cemitério.

O *Dicterion* era identificado pela presença de falos vermelhos pintados junto às portas, ou de pênis gigantescos, esculpidos em madeira e suspensos nos portais da entrada. Uma versão antiga a seguramente bem mais explícita do que as lâmpadas coloridas que, em algumas regiões, indicam a insofismável presença do bordel.

Na “zona”, estas “pornai” se ofereciam vestidas em trajes transparentes de gaze, com os seios nus, geralmente desfilando, com os cabelos tingidos de açafão, característica que as distinguiu das outras mulheres.

Tannahil chama atenção de que, entre estas prostitutas, havia uma novidade técnica na arte de angariar clientes. Elas usavam uma sandália na qual, impresso no reverso da sola, estava um convite bastante claro. Estas sandálias eram sobretudo para serem calçadas quando as mulheres se afastavam de seus bairros e tinham de ser mais discretas, guardando um certo recato. Nas ruas de terra batida, à medida que elas passavam, ficava escrito no solo a expressão “se-gue-me”. Era um convite para o transeunte que vinha atrás.

Num degrau social acima das “pornai” estavam as “aulétrides” ou “auletrizes” que eram as tocadoras de flauta (da expressão: aulo = flauta). Estas mulheres eram artistas, com frequência exímias, e eram alugadas por seus mestres ou senhores (algumas eram escravas) para que se apresentassem nas festas, a fim de tocar, dançar, divertir, cantar, servir bebidas e “dormir” com os convidados.

Evidentemente não eram “pornai”, nem usavam caelos tingidos de açafão, mas cobravam por seus serviços sexuais, tanto ou mais que o preço exigido pelas músicas e cânticos que executavam.

Para estes dois tipos de mulheres, os gregos cultos mantinham uma atitude de indiferente condescendência. Hunt afirma que eles “não sentiam nenhuma piedade moral para com elas; mas, como pessoas de gosto e de educação, reconheciam que a prostituição de encomenda constituía algo de trivial de inestético e, com frequência, de vulgar”.

Havia, porém, uma categoria onde as mulheres de aluguel eram muito respeitadas. Era o grupo das “heteras”. O vocábulo foi pela primeira vez usado por Safo, no século VI a.C., para designar suas “ami-

gas íntimas” da linha de Lesbos. Etimologicamente, a palavra significa “companheiras” e se muitos séculos mais tarde a expressão passou a designar qualquer prostituta, esta não era a concepção que existia entre os séculos VI e IV a.C. “Hetera”, naquela época, era um título dignificante e, segundo Murstein, uma das poucas ocupações independentes que uma mulher, na Grécia, poderia aspirar.

Para se compreender a importância e a dignidade das “heteras” é necessário se ter uma idéia da estrutura do casamento entre os gregos e, de modo especial, entre os atenienses. Não se possuía a mesma concepção que se tem hoje do matrimônio e das mulheres.

Embora o casamento na Grécia fosse monogâmico, os homens mais abastados poderiam ter, além da esposa legal, o número de concubinas que seus recursos permitissem. É preciso esclarecer que as concubinas não estavam incluídas entre as prostitutas que acabamos de falar. Elas eram escravas e viviam nas casas dos seus senhores, servindo nos afazeres domésticos e também na cama, quando solicitadas. A distinção entre a esposa e a concubina não era ainda tão carregada das conotações que lhes foram emprestadas através dos tempos. Basta dizer que se a esposa fosse estéril, ela era a primeira a solicitar da concubina que desse um filho para o seu marido. Afinal, ter filhos era a função primordial do matrimônio grego. Este tipo de relacionamento entre esposa e concubina não era humilhante, mas sim um fato natural e comum. Ocorreu, por exemplo, com Helena que, não sendo engravidada por Menelau, obteve o filho graças a uma concubina.

Na sociedade grega a posição da esposa não era das melhores. Elas eram compradas por um alto preço, pago ao pai da noiva. Xenofonte, no seu livro *O Econômico*, nos deixou um retrato pormenorizado da vida da mulher e da economia do lar, na Grécia Antiga. A esposa vivia no interior da casa, num setor reservado denominado gineceu, só podendo ir até a rua acompanhada de criados. Quando o marido recebia hóspedes, não lhe era dado o direito de fazer as refeições com eles. Sua função era criar os filhos e exercer o controle da casa, das propriedades, dos escravos, das ovelhas, do gado e do vinho. Ela dava uma sólida contribuição governando o lar. Na verdade, o casamento grego era sobretudo um contrato econômico, sem qualquer interação emocional entre marido e mulher. O homem trabalhava fora de casa, aumentava seus bens materiais para entregá-los aos cuidados da esposa que os supervisionava e geria. O matrimônio na Grécia não era a instituição social com as características que hoje concebemos.

A mulher casada não recebia nenhum tipo de educação formal que lhe aprimorasse o espírito, de modo que o homem grego, reco-

nhecidamente amante das artes e da filosofia, achava muito pouco interessante a companhia da esposa. Não fora a pressão da sociedade e do Estado, seguramente a maioria permaneceria solteira. Tanto isto é verdade que em Esparta o celibato era considerado crime, e o celibatário não tinha o direito de votar nem de ser votado. Segundo Plutarco, os solteiros eram obrigados a marchar nus durante certos dias, mesmo no inverno, entoando cantigas como uma forma de penitência por seus hábitos incivis. Os recalcitrantes podiam ser até atacados nas ruas por mulheres revoltadas.

O fato é que, seja por convicção social e patriótica, seja pelo medo da discriminação e dos castigos, o homem grego casava, embora a possibilidade de que viesse a amar a esposa fosse muito pequena. Tanto isto é verdade que o poeta Páladás deixou escrito que os dias mais felizes de um homem são: “o dia em que ele leva a noiva para o leito nupcial e o dia em que ele a deposita no túmulo”. Não é de admirar, portanto, a afirmação de Hunt de que os gregos, mesmo aqueles que eram atenciosos e delicados, tendessem a olhar para as respectivas esposas como se elas fossem apenas um fardo necessário.

Com este quadro matrimonial compreende-se com facilidade que os gregos apelassem para o prazer da companhia das mulheres de aluguel. Algumas vezes era em busca do prazer físico; outras, da satisfação intelectual. As “heteras” cumpriam as duas funções. Segundo Tannahil, “o que os atenienses mais apreciavam nelas era o fato de serem exímias em todas as coisas que aqueles mesmos homens impediam que suas esposas aprendessem”.

Geralmente eram mulheres de boa família, algumas possuidoras da cidadania ateniense, mas que, ao contrário das outras moças de sua classe social, foram treinadas para serem sexualmente excitantes, ressaltando seus encantos físicos com roupas apropriadas, maquilagem facial adequada, perfumes suaves, cabelos e unhas cuidadosamente tratados. Ao contrário das “dictérides” e até da maioria das “aulétrides”, elas podiam se dar ao luxo de escolher os amantes ou os admiradores que desejassem.

Não eram porém apenas mulheres bonitas e educadas na fineza das artes sociais, eram sobretudo instruídas, algumas de cultura filosófica e literária marcantes. Suas casas eram tidas como verdadeiros santuários de discussões filosóficas e literárias. No Menxeno de Platão, Sócrates relata que aprendeu a arte da Retórica com Aspásia, famosa “hetera”, que foi mais tarde amante exclusiva de Péricles e que, segundo se dizia, escrevera a célebre oração fúnebre por ele proferida.

Não se julgue porém que as “heteras” eram mulheres desin-

teressadas dos bens materiais. Muito ao contrário. Tannahil lembra que elas tinham perfeitamente a consciência de que seus encantos físicos eram passageiros a que a melhor maneira de conservar seu status era usá-los para conseguir posição e dinheiro. E não tinham medidas para conseguir isto. Numerosos escritores relatam histórias de amantes que gastaram com “heteras” toda sua fortuna e reputação e, depois de reduzidos à miséria, foram impiedosamente postos de lado. Tannahil inclusive registra a mensagem que uma dessas mulheres, chamada Filomena, escrevera a um amante: “Por que se preocupa em fazer longas cartas? Eu quero 50 peças de ouro e não cartas. Se você me ama, pague; se dá mais valor ao dinheiro, não me procure mais. Adeus!”.

Para se ter uma idéia do preço que as heteras cobravam por seus favores sexuais, basta dizer que enquanto uma “pornai” se oferecia por 5 a 10 dracmas, nunca mais de 15 (algo em torno de meio cent a 1 ou 2 dólares), as “heteras” não se entregavam por menos 500 a 1000 dólares. Em compensação, enquanto as “dicteriades” pagavam pequenos impostos, as “heteras” os pagavam rigorosamente e de conformidade com o preço que recebiam.

É verdade que, em alguns casos, o preço não era arbitrado em dinheiro, mas em posição e favores, o que valoriza o fato de que “a grande diferença entre sexo por dinheiro e sexo grátis é que sexo por dinheiro geralmente custa um pouco menos”.

Ricas e belas, cultas e poderosas, respeitadas e ouvidas, era inevitável que na sociedade helênica as “heteras” tivessem uma posição destacada. Influenciavam não só a vida sexual dos gregos, mas a própria vida cultural de Atenas, onde algumas chegaram a exercer enorme influência política. Sem dúvida, gozavam de uma posição superior à das esposas. O poeta Fileteros notou bem este fato quando deixou escrito para posteridade estas palavras: “Não é de admirar que haja um altar em toda parte erguida a Hetera; mas em nenhum lugar, em toda a Grécia, há um só altar erguido à Esposa”.

Uma destas “heteras”, que viveu um século depois de Sócrates, ficou famosa por sua beleza em toda a Grécia. Chamava-se Frinéia de Téspias. Suas formas eram tão perfeitas que os melhores pintores e escultores atenienses quiseram tê-la por modelo. Esta sorte coube apenas ao célebre escultor Praxíteles que fez dela o modelo predileto para suas esculturas. Relgis refere que as estátuas de Vênus conhecidas com o nome de Calipígias não eram mais do que cópias, no todo ou em parte, de Frinéia.

Bela e rica, Frinéia “reinava” em Atenas. Sua casa sempre estava cheia de admiradores e de ricos negociantes que lhe ofertavam verdadeiras fortunas. Conta-se até que Tebas, que tivera suas mura-

lhas destruídas, estava tentando recolher dinheiro para reedificá-las. Frinéia se ofereceu para pagar, sozinha, toda a reconstrução, desde que ficasse inscrita na muralha a seguinte frase: "Destruída por Alexandre; reconstruída por Frinéia, a hetera". Hunt diz que os tebanos recusaram o atrevido oferecimento.

Conhecendo seus dotes físicos, Frinéia os ressaltava pela discrição das roupas que usava, mas, "durante as festas dos 'mistérios' de Eleusis, ela se desnudava, sob os pórticos do templo, aparecendo como deusa, semelhante às estátuas a que servia de modelo" (Relgis). Também nas festas de Netuno e de Vênus, Frinéia descia as largas escadarias do templo, gradativamente despojando-se dos vestuários, num fenomenal strip-tease até chegar à beira da praia, onde então desatava os cabelos e, completamente despida, entregava ao mar o encanto de sua nudez. Nadava entre as espumas das ondas, na frente de uma multidão extasiada, que via nisto a reconstrução da cena do nascimento de Afrodite. Depois saía rapidamente do mar e fugia. O silêncio que acompanhava toda a cerimônia era então quebrado e uma gritaria ensurdecidora ecoava na multidão.

Não faltava porém, às "heteras", o ódio e a vingança dos amantes desprezados. E por acusações, às vezes, as mais absurdas, elas eram levadas ao julgamento do Areópago, tribunal de Atenas que se reunia na Colina de Ares, e cujos juízes, os areopagitas, eram venerados pelos atenienses. Com certa frequência, as mulheres eram injustamente condenadas, porque a acusação formulada por um cidadão ateniense quase sempre era acatada pelo venerando Conselho.

Bacchide, uma "hetera" muito conhecida na época, nos dá uma prova das acusações absurdas a que estavam sujeitas as mulheres de aluguel. Escrevendo a sua amiga Mírina, ela faz a seguinte advertência: "Está provado que se exigires alguma coisa de Eutiade, em troca do que lhe deres, serás acusada de ter incendiado a frota ou violado as leis fundamentais do Estado".

A história da Grécia nunca deixou claro quem foi este tal de Eutiade, mas o fato é que foi ele que, repudiado por Frinéia, a acusou diante o Areópago: o crime era de ter cometido grave profanação ao parodiar os "mistérios" de Eleusis e por haver corrompido os mais ilustres cidadãos da República. Era uma acusação muito grave e todos os juízes pareciam que estavam tendidos e condená-la à pena de morte.

Seu defensor o orador Hipérides, um dos mais ardorosos amantes de Frinéia, não estava conseguindo a simpatia dos jurados. Embora advogando com ardor a causa da "hetera", ele sentia que não estava sendo convincente. Tinha de mudar de estratégia e, parando o discurso, fez um momento de inexplicável silêncio. Quando todos

os olhares se voltaram para ele, em um gesto olímpico, brusco e dramático, rasgou as vestes da acusada, desnudando-a totalmente diante da assembléia perplexa. Ali, indefeso e lindo, estava o corpo moreno e perfeito de Frinéia. E, num arroubo de eloquência, Hipérides exclamou: “Olhai que perfeição de formas tem esta mulher; se tendes ânimo sentenciái que elas sejam destruídas pela morte. Tende piedade para com a beleza”.

Os juízes pararam deslumbrados, afinal, como todos os gregos, eles eram também estetas. Um silêncio pesado se fez presente e depois de alguns instantes, ouviu-se o som das vozes: absolvida! absolvida! É que em sinal de deferência por tamanho encanto, dádiva dos deuses, os juízes não tiveram coragem de condená-la. Absolviam a encarnação da beleza. Afinal, não podia ser possível que o coração de uma mulher maravilhosa como aquela fosse menos perfeito do que o seu busto. A “hetera” saiu orgulhosamente do tribunal, mas a partir deste incidente ficou proibido no Areópago que os defensores, no futuro, recorressem a tais expedientes para não atrapalhar o senso da justiça dos juízes.

A história conta que quando Frinéia morreu seus amantes e admiradores ergueram, em Efeso, uma enorme estátua de ouro no templo de Diana, imortalizando para todos os séculos a beleza da mais perfeita das “heteras”.

BIBLIOGRAFIA

1. HUNT, M. M. *História Natural do Amor*. São Paulo, Ibrasa, 1963.
2. MURSTEIN, B. I. *Amor, Sexo e Casamento através dos Tempos. Vol. 1*, Rio de Janeiro, Artenova, 1976.
3. PARENT, D. e cols. *História da Prostituição*. São Paulo, Livraria Antonio de Carvalho, s/ data.
4. RELGIS, R. *História Sexual da Humanidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1954.
5. SALLES, C. *Nos Submundos da Antigüidade*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
6. TUDELA, M. *Biografia da Prostituição*. Porto, Brasília Ed., s/ data.